

## TÉCNICAS DE SI E MODO DE VIDA: SOBRE A NOÇÃO DE “*SUBJECTIVITÉ*” NO ÚLTIMO FOUCAULT

TULIPA MARTINS MEIRELES<sup>1</sup>; CLADEMIR LUÍS ARALDI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [tulipameireles@hotmail.com](mailto:tulipameireles@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [clademir.araldi@gmail.com](mailto:clademir.araldi@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A seguinte proposta de trabalho, no âmbito da filosofia, traz algumas considerações acerca da noção de “subjetividade” a partir da leitura de um curso de Michel Foucault recentemente traduzido no Brasil (2016) – curso ministrado no Collège de France em 1981 com o título *Subjectivité e Vérité*. Encontra-se nesse curso o desenvolvimento de algumas noções que contribuem para uma reflexão sobre a relação entre sujeito e verdade na trajetória do último Foucault. Em 1984, no curso de título *Le Courage de la Vérité*, Foucault desenvolve a noção de *parresía* (palavra grega que significa “falar francamente”) a partir da figura do filósofo cínico da Antiguidade. A noção de *parresía*, é desenvolvida por Foucault em pelo menos três cursos: *A hermenêutica do sujeito* (1982), *O governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984). Desde 1981 Foucault dedica seus cursos ao pensamento Antigo – é o que consta na primeira nota de rodapé do curso de 1984, que seria então o último curso ministrado pelo autor, em que o mesmo aponta para o “fim dessa *trip* greco-romana”. Em 1984 Foucault resgata o cínico Diógenes de Sinope como tributário da ética do cuidado de si socrático. Nesse ano o francês ocupa-se com os textos gregos de Platão, Demóstenes e Isócrates, principalmente, mas também textos do Império Romano, como os do Imperador Juliano e também de Luciano (*Os fugitivos*). Em 1981 Foucault se refere às Artes de viver do período greco-romano como “discursos verdadeiros” – técnicas para viver. Em 1984 ele afirma que os diferentes discursos reconhecidos como verdadeiros poderiam ser analisados em termos epistemológicos, todavia não é esse tipo de análise que lhe interessa e lhe ocupa.

Como questão do curso de 1984 Foucault quer analisar os “tipos de ato pelo qual o sujeito dizendo a verdade, se manifesta, e representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 4). “Qual é a forma do sujeito que diz a verdade?” Indaga o autor. Essa questão do “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo” já estava formulada no curso de 1980 *Do governo dos vivos*, quando Foucault questiona que em nossa sociedade existe um vínculo profundo entre exercício de poder e obrigação, para os indivíduos, de manifestar a verdade sobre si mesmo. Com essa questão o autor investe em uma genealogia das práticas do dizer verdadeiro que começa com a análise das práticas de confissão cristã e posteriormente (no curso de 1982) as práticas do exame de consciência entre os estoicos, onde esses termos adquirem um novo sentido, fora da era cristã e distante da era moderna. Foucault constata a importância do princípio do dizer a verdade sobre si mesmo nas práticas continuamente recomendadas de direção de alma prescritos pelos pitagóricos e estoicos como Sêneca e Marco Aurélio. As trocas de cartas de que falam Plínio, O Moço, Fronto, os cadernos de anotações e os diários em que se recomendava escrever sobre si mesmo. Foucault constata que essas práticas do dizer verdadeiro sobre si mesmo estavam legitimamente ligadas ao princípio socrático

do “Conhece-te a ti mesmo”. Em 1982, ao situar essas práticas no contexto da Cultura de si, ele afirma que o imperativo socrático do *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) não passa da implicação de um princípio anterior e mais geral, o princípio do cuidado de si. É no estudo sobre as artes de viver que Foucault encontra a noção de *parresía*, em textos como O Tratado das paixões, de Galeno e o tratado Sobre a Lisonja, de Plutarco, o autor é levado a pensa-la como elemento constitutivo do dizer verdadeiro sobre si mesmo. Em 1984, no entanto, ele se volta para os autores gregos como Demostenes, Isócrates e Platão. Com a *parresía*, Foucault coloca a questão do sujeito e da verdade do ponto de vista do governo de si e dos outros e vê a possibilidade em ligar as análises dos modos de veridicção, das técnicas de governamentalidade e das práticas de si.

Conforme o curso de 1981 *Subjectivité et Vérité* o sentido de uma “genealogia da ‘subjetividade’ ocidental” toma forma, no interior de uma abordagem sobre a arte de viver na Antiguidade, arte de viver enquanto técnica – discurso de verdade; e *bíos*, como objeto dessa técnica, enquanto um modo de ser, uma modalidade de experiência. *Técnica* e *bíos* adquirem o sentido de “técnica de si” para Foucault, em que está em questão a “fabricação pessoal da própria vida”, se trataria de uma “biopoética” a relação do fazer-se a si mesmo, em que estaria em causa a conduta estético-moral da existência. A noção de *parresía* não está presente no curso de 1981, mas em 1984 ela pode ser definida como uma modalidade do dizer verdadeiro, constitui-se como técnica de si da Antiguidade - sobretudo enquanto coragem do dizer verdadeiro, no modo de vida do filósofo cínico. No modo de vida cínico destaca-se a maneira escandalosa na qual os filósofos viviam na sociedade. Esse escândalo define o cuidado de si dos cínicos enquanto um estilo de vida e, nesse sentido, a importância dada ao dizer verdadeiro como *parresía*, como manifestação de uma verdade que põe em risco a existência do indivíduo. *Parresía*, portanto, enquanto risco e perigo assumido em nome da verdade, modo de vida que vai ao limite. A *parresía* nos cínicos sugere uma manifestação da verdade que é a própria vida em contraste com o supérfluo e o banal das convenções sociais, e essa característica é o que difere das outras formas da história da coragem da verdade, onde a coragem do dizer verdadeiro estava restrita, de certa forma, a algo que é dito, falado, professado. Com os cínicos tem-se uma *parresía* imanente ao êthos do indivíduo, a seu modo de vida.

Com o intuito de empreender uma investigação sobre essa noção no que tange ao curso de 1984, e a filosofia cínica, optou-se por contextualizá-la no âmbito geral de uma genealogia da ‘subjetividade’ nos moldes foucaultianos. “Subjetividade e verdade” é o título do curso de 1981, e Foucault admite ser um título bastante pretensioso, uma vez que esse curso traz um estudo sobre a maneira a qual, na Antiguidade, se davam as relações entre sujeito e verdade. E essa relação, a partir da abordagem foucaultiana, está no âmbito da relação consigo e da arte de viver. Com o desenvolvimento dessas noções pretende-se elucidar as principais questões que nortearam o último projeto filosófico do autor, que apresenta uma crítica da verdade e uma preocupação com o modo de conduzir a vida, como modo de ser.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esse trabalho foi de cunho exclusivamente bibliográfico. Concentrou-se sobretudo na leitura das aulas do curso de 1981 *Subjectivité e Vérité* e nas aulas do curso de 1984, *Le Courage de la Vérité*. Além

de levantamento bibliográfico pertinente a temática e aos principais conceitos da obra foucaultiana.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso de 1981 apresenta inicialmente uma crítica de Foucault a maneira como a relação entre subjetividade e verdade foi tratada pela filosofia, de Platão a Kant. Segundo o autor, esse problema foi colocado em termos da “possibilidade de uma verdade para um sujeito em geral”. Essa formulação indagou “como e em quais condições é possível conhecer a verdade?” (FOUCAULT, 2016, p. 11). Ou ainda, se o conhecimento é a experiência própria do sujeito cognoscente, como ele é possível? Para Foucault não pode haver verdade sem um sujeito para o qual essa verdade é verdadeira. Mas por outro lado: se o sujeito é um sujeito, como pode ele efetivamente ter acesso à verdade? A problemática dessa relação para Foucault é apresentada no âmbito dos efeitos que podem ter para a subjetividade a existência de um discurso que pretende dizer a verdade a respeito dela. Nessa problemática, Foucault indaga pela relação que o indivíduo tem com ele mesmo, como essa relação se viu afetada e transformada pela existência de um discurso verdadeiro, pelas obrigações que eles impõem e pelas promessas que formulam.

Afim de estabelecer a relação entre subjetividade e verdade no contexto do curso de 1981 leva-se em consideração que i. a subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não está, portanto em relação com uma concepção originária ou fundadora de “sujeito”. A “subjetividade” é antes o que se constrói e constitui da relação que se estabelece com a verdade; ii. A verdade para Foucault não é definida em relação ao seu conteúdo de conhecimento, como proposição verdadeira ou falsa, ela é antes um sistema de obrigações, possui um sentido político; iii. A formulação de Foucault, de cunho histórico-filosófico, não pretende mostrar como a verdade, em sua relação com o sujeito, é mutável, mas investigar como as “subjetividades”, compreendidas enquanto experiência de si e dos outros, se constituem e constituíram através das obrigações de verdade, do que se poderia chamar de veridicção.

Nessa direção encontramos uma dificuldade em Foucault, pois sua análise volta-se para os textos da Antiguidade, lá onde não havia subjetividade no sentido cristão e moderno, tal qual a compreende-se, ou seja, a partir da “existência de um além (...) fim absoluto válido para todos e que está além de cada um de nós; necessidade de nos desprendermos do que somos a fim de nos voltarmos para esse essencial; (...) possibilidade de descobrirmos em nós mesmos o que autenticamente somos”(Foucault, 2016, p. 227). Na Antiguidade, diferentemente, os gregos conheciam o *bíos* e a técnica. *Tékhne*, isto é “procedimentos regulados, maneiras de fazer que foram pensadas e destinam-se a operar certas transformações num sujeito determinado (...) *tékhne* não é um código do permitido e do proibido, é determinado conjunto sistemático de ações e determinado modo de ação” (FOUCAULT, 2016, p. 225). *Tékhne* é como Foucault concebe certos discursos da Antiguidade nos quais afirma que tinham por objetivo servir como conselhos de conduta para a vida, designar certa experiência de si consigo mesmo. Eram artes de viver, não se tratavam de regras ou códigos, sistemas prescritivos ou conjuntos teóricos, mas técnicas que tinham como objeto a vida (*bíos*). Elas efetuam a passagem a uma modalidade de experiência que implica na relação do indivíduo com os outros, com a verdade e consigo mesmo.

O *bíos*, diferentemente do que compreendemos por subjetividade, se constitui pelo trabalho contínuo de si sobre si e se refere ao curso da vida, indissociavelmente ligado a possibilidade de conduzi-la, transforma-la. Ele é o correlativo da possibilidade de

modificar a vida em função dos princípios da arte de viver, esta é compreendida como um procedimento de subjetivação. Em 1984, ao colocar o problema da vida cínica, *bíos kynikós*, como verdadeira vida Foucault afirma que se esse tema fosse retomado a partir da história da *parresía* e do dizer a verdade o cinismo seria a forma de filosofia que teria colocado a relação entre sujeito e verdade a partir da pergunta pela forma de vida que fosse de tal forma que praticasse o dizer verdadeiro. Ao passo que um outro tipo de filosofia teria colocado essa questão nos termos das condições sob as quais podemos reconhecer um enunciado como verdadeiro. O *bíos kynikós* permite retomar, portanto, a questão do curso “qual é a forma do sujeito que diz a verdade?”.

#### 4. CONCLUSÕES

No sentido do que foi exposto até aqui, se conclui que Foucault articula conceitos da história da filosofia de modo a atualizar seus significados, transformando-os, apresentando assim, uma nova perspectiva. Ao considerar como modo de ser ontológico do sujeito, uma modalidade de experiência, um modo de conduzir a vida, ele conduz uma análise da subjetividade compreendida no sentido grego de *bíos*, de uma forma de vida a conduzir, como governo de si e dos outros. Sendo possível, nesse sentido, retomar o tema da vida filosófica, como forma de vida reconhecida na Antiguidade, e como figura central ele apresenta o filósofo Cínico e sua *parresía*. Nesse sentido, técnica e *bíos* permitem à Foucault uma análise sobre a subjetividade e a verdade que concebe a arte de viver, enquanto forma de veridicção da Antiguidade, como técnica de veridicção aplicada à vida – àquela parte da vida em que é possível uma alteração, uma subjetivação, isto é, o *bíos*. Foucault encontra o cinismo pela via da técnica e pela via do bios. O cínico é o homem da *parresía*, mas sua *parresía* é diferente da *parresía* socrática ou mesmo da *parresía* do homem político, pois o cínico tem o hábito peculiar de dizer a verdade sem proferir nenhum discurso, pois ele manifesta a verdade pelo próprio modo como conduz a sua vida. Uma vida escandalosa.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2016. p. 6-240.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 150 – 200.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. 2. O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 2010.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Editora autêntica: Belo Horizonte, 2009.
- REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Editora Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2011.